

# GABRIELA CABEZÓN CÁMARA



## As meninas do laranjal

*A Abril Schaerer  
A María Moreno  
À manada do amor*

Querida tia:

*Sou inocente e tão à imagem e semelhança de Deus como qualquer um, como todos, não obstante ter sido grumete, vendedor e soldado, mas antes – antes – menina no teu regaço. «Filha», «filhinha», assim me chamavas e nem hoje, creio, nem com os meus ombros militares, nem com o meu bigodinho, nem com as minhas mãos calosas armadas de espada me chamarias outra coisa. Tia, perguntar-te-ia se pudesse: ainda estás viva? Acredito que sim, e acredito que aguardas por mim para me deixares em herança o que é teu, o que foi nosso, esse convento de São Sebastião, o Antigo, que o teu avô mandou construir, o pai do pai do meu pai, o marquês dom Sebastián Erauso y Pérez Errázuriz de Donostia. Dá-o a outra e, rogo-te, continua a ler-me. Saberás que aprendi a contar histórias e que transporto coisas de um lado para o outro, sou almocreve; surpreendo-te, não é verdade? E canto e, se for necessário, caço pelo caminho e chego, entrego a minha carga que não é minha, é sempre de outro a carga do almocreve, e cobro os meus reais e volto a fazer o que prefiro: contemplo as árvores e as lianas, ramos flexíveis e longas raízes do ar, que se fazem rede à maneira dos pescadores*

*ou não, não, antes à das aranhas, de uma multidão de aranhas que se pusessem a tecer umas por cima, por baixo e por dentro das outras, ai, verdes e imensas e trémulas, tão trémulas como tudo o que vive, minha adorada, como tu e eu são as plantas, e também os seus lagartos e a selva inteira, que, tenho de to contar até que o entendas, é um animal feito de muitos. Para a atravessar não é possível andar à maneira das pessoas; não há caminhos nem linhas retas, a selva faz de nós a sua argila, molda-nos com a sua própria forma e ora voamos como inseto, ora pulamos como macaco, ora rastejamos como serpente. Perceberás que não é assim tão estranho que eu, que fui a tua menina amada, seja hoje, se quiseres, o teu primogénito americano: já não a prioresa com que sonhaste, nem o nobre fruto da nobre semente da nossa estirpe, a tua menina é um respeitado almoocreve, um homem de paz. E, na selva, um animalzinho de duas, três ou quatro patas junto aos outros, os que são meus e de quem sou, um animalzinho, enfim, que sobe e desce e trepa e rodeia e salta e se pendura nas lianas e se embriaga com o perfume venenoso das trepadeiras vorazes e das flores diminutas de pétalas tão frágeis que mal resistem à mais leve brisa, que se dobram sob o peso das gotas – por aqui tudo goteja a cada momento –, e das borboletas que têm – gostaria tanto que as visse – o tamanho do punho de um homem grande, maiores do que as minhas mãos, maiores do que as minhas mãos de soldado, tia. Saberás que me fizeram alferes e me deram medalhas? Mas isto não aconteceu na selva*

– Che, com quem falas tu, Yvypo Amboae?

– Antonio. Vim de terras distantes. Não estranhas. Estranhas são estas. E não falava, escrevia, Mitākuña.

– Não. Estranho és tu. O dia todo, reñe'ẽ, reñe'ẽ, a falar sozinho, che.

– Mba'érepa?

– O que estás a dizer, Michī?

— Ela está a perguntar-te porque é que falas sozinho, che.

— Estou a escrever uma carta à minha tia. Vejam, isto é a pluma, isto é a tinta, e estas são as palavras. Querem que vo-las leia?

— Oiço-te há horas. Mentiras dizes à tua tia. Donde é a tua tia?

— De longe, de Espanha. Cala-te por um pouco, Mitākuña, deixa-me continuar a escrever: isto não aconteceu nesta selva...

*... mais tarde conto-te essa história, tia. Agora deixa-me continuar a dizer-te dos perfumes da selva, que são fortes, bebidas alcoólicas de soldado, aguardentes de aldeia, e as outras flores, as enormes e carnosas e carnívoras, quase bestas; aqui na selva os animais florescem e as plantas mordem e, creio, creio que as vi, juro-te, por vezes caminham e saltam, as lianas saltam; por aqui tudo borbota, porque o bosque range, bem o sabes, lembro-me de ti atenta à presença da raposa pelo ranger leve das folhitas do teu bosque e à do urso pelo ranger pesado dos galhos e dos troncos, range, o bosque, mas não a selva, a selva borbota cheia de olhos: a vida cresce-lhe como a lava aos vulcões, e a lava foi árvores e pássaros e fungos e macacos e coatis e cocos e serpentes e fetos e jacarés e tigres e paus-d'arco e peixes e víboras e palmeiras-anãs e rios e folhas de palmeiras e todas as outras coisas que existem e são misturas destas principais.*

*A selva é um vulcão, tia, um vulcão em erupção eterna e lenta, lentíssima, uma erupção que não mata, que faz nascer verde e lateja verde borbotando água, aqui, no solo do meu bosque que não é de todo meu, eu é que sou dele, e de bosque tem menos ainda, nada de nada, tia: selva, selva feroz, esta minha, semelhante às alheias de que me falavas, sim, mas devias vê-la, devias cheirá-la e fá-la-ias tua e tornar-te-ias dela como eu me tornei e, ah, se tocasses nos caules e nas pétalas e nas folhas gigantescas e nos animais daninhos e peludos e nas cores, porque aqui conseguimos tocar nas cores, tão pálido é o teu arco-íris*

*donostiarro, fantasmal na bruma fria, mas aqui não, aqui as cores são de carne porque tudo é de carne nesta selva em que vivo na companhia dos meus animais e dos meus servos que são meus tal como eu fui tua e teu e do nosso bosque na nossa Donostia quando eu era rapariga, minha mais querida.*

— Yvy mombyry, longe. Não te vai ouvir, che. O que é uma tia?

— Não me ouve agora, vai ler-me quando lhe chegar a minha carta, Mitākuña.

— Mba'érepa?

— Pensa assim, Michī: estes desenhos são as palavras, viajarão num barco, num cavalo e chegarão às mãos dela algum dia. Uma tia é a irmã do teu pai ou da tua mãe.

— Mba'érepa?

— E agora, qual é a pergunta?

— Pergunto porquê.

— Porquê o quê.

— Porque é que a tua tia é a irmã da minha mãe ou do meu pai.

— Não, não, é a irmã de um pai ou de uma mãe.

— Mba'érepa?

— Porque são irmãos. Querem laranjas?

— Che, o que são laranjas, Yvypo Amboae?

— Uns frutos doces e ácidos, cor de laranja como as asas dessa borboleta.

— São cocos de jeribá, che.

— Não, Mitākuña. As laranjas são do tamanho do meu punho.

— Mba'érepa?

— Porque sim, Michī, porque são assim, tal como tu és pequena e tens dois olhos. Vá.

— Nahániri.

— Está a dizer-te que não, che.

— E porquê?

— Porquê o quê.

— Porque não.

— Porque não quer.

— Bom, os macaquinhas subirão para as minhas costas, o cavalinho irá trotar. Queres ir no cavalo grande, Michi?

— Nahániri.

— Pois então irás às minhas costas. Já que mal tens força para respirar e dizer duas palavras.

— Mba'erepa laranjas?

— Aprendeste uma palavra nova, Michi! Porque fiz uma promessa à Virgem. Vão perguntar-me quem e o que é uma Virgem. Pronto, pronto. Não vamos a lado nenhum. Fiquem aqui, cuida dela, tu, Mitákuña, que és a mais velha. A égua e o potro ficarão aqui a proteger-vos, não se preocupem. Irei com os macaquinhas e a tua cadela buscar as laranjas e mais tarde, enquanto as comermos, vou contar-vos tudo sobre a Senhora. A Virgem, quero dizer.

Caminham: os macacos agarrados às costas de Antonio com a pouca força que lhes resta. A cadelinha *Roja* aos saltos, por vezes desaparecendo, o seu corpinho vermelhusco engolido pelas matas verdes e brilhantes de fetos, por vezes a voar castanho sobre castanho pelas enormes raízes ou na trama apertada das lianas. Os cavalos, travados a cada duas passadas pelo matagal. Antonio, lentamente, a abrir caminho com a espada, com medo de que fique romba. Fica romba.

Não encontram laranjais, há palmeiras sem fim, longas e flexíveis, e paus-santos muito altos e animais de que só se ouve o ruído da folhagem ao abrir-se ou fechar-se à sua passagem. Um canto, um grunhido. Voltam. *Roja* com a língua de

fora e Antonio com os macaquinhas nos braços: já não conseguem segurar-se às suas costas. Os mosquitos picam-nos e picam-nos até que deixam de os sentir. No centro da capa que lhes estendeu no chão dormem as meninas. A égua e o potro escoltam-nas, de pé, com as cabeças inclinadas para elas. Pousa os macaquinhas perto das meninas. Despertam um pouco, sentam-se e também olham para elas. Tão pequeninas, com as costelas salientes, os bracinhos que parecem feitos de paus, de tão magras que estão. As carinhas angulosas da fome. Os olhos enormes, de órbitas afiadas, fantasmagóricos. São dois esqueletozinhos cobertos de pele que respiram com esforço. A mais velha chega ao meio da coxa de Antonio. A mais nova, aos joelhos. Uma estrela de rastro amarelo e enorme protege-os a todos com uma luz laranja e azul. Antonio toma-a por bom augúrio: talvez anuncie um renascimento. Bem precisam. Ele também. Está esgotado. O seu corpo submetido ao ritmo de outros. Já não se recorda por que razão está a cuidar delas. Têm a sua graça, mas estaria melhor sem elas: poderia escrever sem interrupções. Ir-se embora quando lhe apetecesse. Comer quando tivesse fome. Dormir a noite inteira. Assim que vir um índio, entrega-lhas. Porque haveria de arriscar o pescoço por umas meninas e uns macacos e uns cavalos e uma cadelinha? E uma espada, mas disso esquece-se. Também de que ao pescoço já o tinha em risco antes. Aquilo das indiazinhas foi promessa que fez à sua Virgem do laranjal. Ainda há pouco salvou a vida por um sonho e por um canto: por um triz. Foi a Senhora. Talvez. Agora, já não está tão seguro de acreditar. Nem de não acreditar. E, muito menos ainda, de não voltar a precisar da sua Virgem. Por isso, é melhor continuar a cumprir, que começou com o pé esquerdo. Falhou-lhe duas vezes. Em duas jornadas. Só tem de continuar a dar de beber às meninas. E a escrever à tia.

Não é assim tanto. Continuaria a pensar se aos mosquitos não se lhes tivessem juntado as melgas, que, mais que picar, mordem. É melhor fazer uma fogueira. E um refúgio. Com a espada do capitão corta as folhas de palmeira e logo as entrelaça nas lianas e no tronco do pau-santo. É a árvore mais alta naquelas paragens. Escolheu-a para poder encontrá-la facilmente. Além disso, está rodeada de palmeiras. Dá para caminhar um pouco. E vê-se alguma coisa. Não está má, a cabana de folhas de palmeira. A fogueira, fá-la lá dentro. A ver se param de o picar. Põe as meninas e os macacos perto do lume. A cadelinha junta-se. Os cavalos ficam parados, a comer fetos e a abanar as caudas, demasiado curtas para afugentar os mosquitos e as melgas. Nada serve. Os dois ramos do pau-santo enchem tudo de um perfume doce. É belíssimo. Logo a seguir, tosse: fumo a mais. É melhor procurar lenha seca. Antes, relê o que escreveu à tia. Vê que está bom. Levanta-se e canta.

— *Quer todas de uma só vez...*

Não sabia que gostava tanto da selva nem que mantinha um certo carinho pela sua tia. Nem que fosse almocreve.

— *Ceguinho, ceguinho...*

Mas sente um nó na garganta: talvez haja um pouco de verdade no que escreve. Como o facto de a selva ter um certo encanto, e a prioresa as suas boas memórias, e de estar a transportar uma carga para entregar.

— *Tem uma laranja para partilhar...*

Sente-se contente. Há dois dias, por outro lado, estava ensimesmado, quase todo ele enfiado numa prega de si mesmo. Sentia terror. De que a merda o tapasse antes de a corda lhe cortar a respiração. De o enterrarem sujo e esfarrapado. De ressuscitar, assim, em corpo e alma indigentes.

National Book Award para Literatura Traduzida 2025

Premio Sor Juana Inés de la Cruz 2024

Premio Ciutat de Barcelona 2023

Para cumprir uma promessa à Virgem do laranjal, que o salvou da força, Antonio de Erauso liberta duas meninas índias do jugo espanhol adentrando-se com elas na selva imensa. Aí começa a escrever uma longa carta à sua tia, a prioresa do convento em Espanha de onde ele próprio fugira sedento de mundo e liberdade, num tempo em que era mulher e noviça, de nome Catalina. Enquanto relata a sua vida aventurosa e errante que o levou a ser grumete, vendedor, soldado na Conquista das Américas e fugitivo, as duas meninas guaranis exigem a sua atenção e cuidados. Ao longe ouvem-se os ferozes cantos dos índios que soam a guerra, enquanto sobre eles paira a sombra paciente e ameaçadora de um abutre.

Um dos maiores sucessos da atual literatura em língua espanhola, *As Meninas do Laranjal* conta numa abordagem lírica e irreverente a vida de Catalina de Erauso, a «freira alferes», famosa personagem histórica que cativou a imaginação do século de ouro espanhol. Uma sátira barroca e picaresca que subverte a história da América Latina e encontra na selva um lugar mágico de transformação.

«Uma leitura em que há crueldade, sexo e sangue, que distorce a linguagem e a tradição, e aprofunda o sentimento de solidão do ser humano, além de explorar temas como o género ou a colonização da América. Cabezón Câmara escreveu uma crónica das Índias a partir do futuro.»

*El Mundo*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)  
[f elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)  
[g penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-549-6



9 789895 695496